



germana monte-mór

curadoria **Rodrigo Naves**





“Como o bom alfaiate que confecciona um terno que só cai bem num homem (ou dois); e um sobretudo que só serve em dois ou três — assim sou eu: meus poemas só convêm, *fit*, a um caso (talvez a dois ou três). O paralelo é algo humilhante, mas só na aparência: acho-o apropriado e confortador. Se bem meus poemas não tenham aplicação universal, têm-na parcial. O que não é pouco. Garantem assim sua verdade.”

Konstantinos Kaváfis

*Para Paula Monte-Mór,
Cláudio Cretti,
Rodrigo Naves e
Teodoro Carvalho Dias*

germana monte-mór

curadoria **rodrigo naves**

abertura **24 outubro 19h**



Sem título, 2016
Óleo e asfalto sobre papel
75 x 56 cm

germana monte-mór

vilma eid

Conheci a Germana em 2008. Rodrigo Naves a trouxe para ser a assistente de curadoria da exposição do José Bezerra, e aqui, na Galeria Estação, ela continua.

Tornou-se parceira, conselheira e amiga.

Sempre admirei a artista e tenho dela alguns trabalhos em minha coleção particular, expostos na minha casa. Há anos eu vinha pensando em fazer uma mostra de suas obras, mas ela tinha outros compromissos e ainda não era o momento. Agora chegou a hora.

Germana está produzindo bastante. Ateliê novo, novos artistas companheiros, nova fase. Estive com ela no ateliê há algumas semanas. Quis ver os trabalhos da exposição. Fiquei feliz! Produção rica, com cor, trabalhos que mostram a Germana deste momento.

Não vou falar da obra. Além de não me sentir capacitada para fazer a análise que ela merece, esse é o trabalho do curador, ninguém menos que o Rodrigo Naves.

Sinto-me orgulhosa com esta mostra, que tem vários significados para a Galeria Estação. Afetividade, abertura e reconhecimento do talento dessa querida e grande desenhista, pintora e escultora. Espero que vocês concordem comigo e aproveitem tudo o que ela nos traz de bom.



Sem título, 2016
Óleo e asfalto sobre papel
80 x 110 cm

germana monte-mór: percursos da imaginação

rodrigo naves

I

Os trabalhos de Germana Monte-Mór começaram a ganhar definição nos fins da década de 1980, começos dos anos 1990. Além de pinturas e desenhos feitos com asfalto, realizou também fotos de grande interesse e esculturas tateantes – pois buscavam meio desajeitadamente uma relação com seus desenhos e pinturas –, além de várias experiências com materiais, como parafina, chumbo, resina damar, mármore etc.

Contudo, ao tentar rememorar as muitas obras que já fez, tenho dificuldade de fugir de uma espécie de sedimentação escura feita de asfalto mais ou menos claro, depositada sobre papel ou tela, configurando aspectos geológicos ou orgânicos, em princípio elementos opostos entre si.¹

II

Não foi acaso o título escolhido para seu livro (*Da cabra*), nome incomum para um livro de arte. A estranheza se desfaz apenas quando, ao folhear a publicação, encontramos os versos de João Cabral de Melo Neto:

O negro é o duro que há no fundo
da cabra. De seu natural.
Tal no fundo da terra há pedra,
No fundo da pedra, metal.

O negro é o duro que há no fundo
da natureza sem orvalho
que é a da cabra, esse animal
sem folhas, só raiz e talo.

que é a da cabra, esse animal
de alma-carço, de alma córnea,
sem moelas, úmidos, lábios,
pão sem miolo, *apenas côdea*.

Os versos de João Cabral oferecem uma passagem *metafórica* – não poderia ser diferente, já que lida com palavras – entre seres vivos e orgânicos (a cabra) e seres minerais e inorgânicos (a pedra), ambos presentes, de formas distintas, tanto nas obras de Germana quanto no poema de João Cabral. A natureza rústica das cabras, sua capacidade de sobreviver em condições extremas de calor e frio, parece lhes conferir a solidez e a unidade das rochas.

O asfalto é um derivado do petróleo, e não um mineral propriamente dito. Trata-se de uma combinação de hidrocarbonetos. Sintomaticamente, os antigos romanos,

mais ligados à origem empírica desse material do que a seus subprodutos – gasolina, graxa, plásticos – não por acaso chamavam-no “óleo de pedra”, ou seja, *petroleum*. Desse modo, boa parte dos trabalhos de Germana também transita entre estados distintos da matéria, realizando menos metaforicamente a passagem entre o reino das coisas líquidas (a origem dos seres vivos) e o mineral.

Tanto o poeta quanto a artista visual têm um sentimento rente ao mundo material. João Cabral não substantiva um adjetivo (“negro”) à toa. É a singularidade dos meios que empregam – palavras e matérias – que os distingue de forma acentuada, para além de qualquer juízo de valor. E então cessamos aqui as comparações para que a compreensão dos trabalhos de Germana avance um pouco mais.

Para que essa experiência mais material do mundo possa se tornar possível para o observador, é decisivo que as ambiguidades entre as várias aparências da matéria orgânica e inorgânica se mostrem a ele. Podemos *saber* que paralelepípedos usados no calçamento das ruas foram feitos a partir de blocos de granito. No entanto, sua geometrização – mesmo sendo meio tosca, pois ao menos no Brasil eles são feitos artesanalmente – conspira para que percebamos mais seus limites regulares do que sua rudeza mineral. Deixaram de ser rocha. Do mesmo modo, o que resta do couro de uma rês num sapato elegante?

Já os trabalhos sem cor de Germana oscilam sem parar. Seus limites são irregulares e remetem a formas orgânicas.² Enquanto as superfícies de asfalto têm forte aspecto mineral. As áreas negras são *fisicamente* planas, embora *opticamente* sugiram uma profundidade enigmática. Como se faz com a borra do café, talvez se pudesse ler o destino de uma pessoa nessas películas.

Também algumas de suas séries fotográficas mantêm um forte vínculo com seus trabalhos de asfalto. As grandes pedras e os montes de sal expostas na Galeria Carmi-

nha Macedo em 2010 (*Pedra mole*) insistem nesse paradoxo formal; de um lado, pedras excessivas, pois vistas de um ponto de vista baixo que as torna prestes a rolar ou a extravar seus limites físicos. Já os grandes montes de sal sugerem a forma de grandes cones brancos... compostos de grãos mínimos e instáveis.

Na exposição *Luz negra* (2009, Galeria Anita Schwartz), outra série de fotos aponta na mesma direção. Os seixos que repousam no leito de um riacho de águas cristalinas se mostram amolecidos vistos através da água. Trata-se de um fenômeno conhecido como refração da luz, que ocorre quando a luz passa de um meio transparente a outro, mas com densidades diferentes, mudando de direção. Quando colocado dentro de um recipiente com água, um bastão é visto de forma descontínua. Um nadador em uma piscina com as águas em movimento parecerá um homem de borracha.

Até esse momento, Germana apenas tirou partido de um fenômeno físico que quase todos conhecemos empiricamente. A presença de sua intuição artística se dará apenas quando ela fizer coincidir brilho (luz refletida) e refração da luz. Nesse momento, os seixos não só se deformam como perdem sua inteireza. Mais uma vez, observamos a artista perseguindo seus demônios, a querer provar com diferentes técnicas e materiais a existência de um fundo resistente em toda experiência da realidade.

III

Em apenas quatro exposições – Centro Universitário Maria Antonia (2002), Paço Imperial (2002-3), Bienal do Mercosul (2005) e Estação Pinacoteca (2005) – a artista fez experiências com cor. Ainda assim era um emprego tímido, já que elas tinham algo das cores leves da aquarela.

A presença mais luminosa das cores nesta mostra na Galeria Estação é um marco significativo na trajetória dessa importante artista contemporânea. Sem abrir mão

daquela experiência difícil de um mundo que se recusa a se transformar em narrativa, Germana acrescenta a ele uma leveza, pois, ao suprimir, com as cores, um pouco de seu peso e de sua impenetrabilidade, torna-o mais generoso em seus contatos com a realidade circundante.

Com isso, os trabalhos também ganham uma nova dinâmica, diferente daquela sugerida pelo vitalismo orgânico das obras anteriores. Os desenhos se mostram com uma variação de planos mais rica, embora apenas uma ou duas cores por vez sejam trazidas à convivência com o asfalto. Por seu turno, as figuras sugeridas pelas cores e pelo asfalto mantêm entre si uma relação menos harmoniosa.

Sugerem profundidades, provocam-se reciprocamente, pesam sem elegância, até que por um momento fugaz uma configuração predomina, mostra-se com mais firmeza e submerge, para tudo começar novamente. De algum modo essa descrição talvez servisse para retratar em parte a própria trajetória de Germana Monte-Mór. A atração pela rudeza do mundo pode sugerir uma existência conduzida com dificuldade e privações, ainda que, como na obra de Van Gogh, leve a resultados extraordinários e exemplares.

Não estou nem de longe levantando a possível “compensação” de uma vida de recusas por meio de uma arte redentora. Muitos canalhas foram grandes artistas. Mas há artistas – e Germana Monte-Mór se inclui entre eles – para os quais a imaginação desempenha um papel secundário.

Nas artes visuais a “imaginação” o que é? Pode ser o mundo claro e luminoso inventado por Monet, mesmo pintando ao ar livre, “sur le motif”. Ou o visionarismo de um Odilon Redon ou Gustave Moreau. Por não ser uma impressão do mundo – como as verônicas, o Santo Sudário ou as máscaras mortuárias romanas –, uma obra de arte necessariamente passa pelo crivo das técnicas (ou meios artísticos) e por um esquema

(a imaginação) que procura conduzir à realização das intuições sempre nebulosas dos artistas. Há momentos, porém – penso em Gustave Moreau, Odilon Redon, Salvador Dali e Max Ernst, entre tantos outros –, em que pintores, escultores etc. creem encontrar a liberdade absoluta da imaginação na suspensão de todo e qualquer travô da realidade. Procedem como a pomba mencionada por Kant na *Crítica da razão pura*, que acreditava voar mais livremente no vácuo, quando é justamente o embate de suas asas com o ar que torna o voo possível. Curiosamente, alguns dos maiores pintores abstratos modernos – tomemos Mondrian e Pollock como pontos opostos exemplares – incorporaram a força da realidade de maneira notável. E em boa medida essa foi uma condição para a grandeza e pertinência de suas obras.

IV

Germana não tem a diversidade de trabalhos de, digamos, Mira Schendel ou Paul Klee. Mal comparando, Richard Serra e Amílcar de Castro também parecem ter perseguido os limites que um material (o aço) lhes possibilitava. E isso pode dar a impressão de pouca diversidade a suas obras. Dispensável dizer que os meios à disposição do norte-americano não estavam nem de longe ao alcance do brasileiro. Certa vez no Rio de Janeiro o próprio Richard Serra disse que Amílcar seria um artista de projeção internacional, fossem outras suas condições de trabalho.

Tenho a suspeita (mas não a certeza, pois seria necessário pensar mais profundamente esta questão) de que os artistas mais movidos por esse sentimento áspero do mundo têm também uma menor margem de manobra, o que dificulta que sua obra tenha uma grande diversidade.

O conjunto composto por, entre outros, Van Gogh, Amílcar de Castro, Eva Hesse, Richard Serra e a brasileira Germana Monte-Mór, totalmente desconhecida fora do país

e pouco conhecida mesmo entre nós – uma situação de que se deveriam envergonhar os galeristas –, persegue um rastro aparentado não necessariamente indicador de maior ou menor qualidade.

O que vejo de comum em suas poéticas é a talvez impossível incumbência de, quase sem lançar mão da noção corrente de representação, mais *apresentando* esses materiais tão pouco afastados da realidade pela técnica do que os *representando*, fazer deles um poema lírico ou uma epopeia.

notas

1 Para Tiago Mesquita, “os motivos de Germana têm algo de geológico” (...) “terreno indeterminado” (...) “areais do deserto” (p. 18). Já Paulo Sergio Duarte se refere a seus trabalhos como figuras “ameboides” (p. 125). As duas passagens se encontram em *Da cabra: Germana Monte-Mór*. São Paulo: WMF editores, 2013.

2 Nesse ponto tendo a concordar mais com Paulo Sergio Duarte do que com Tiago Mesquita, embora não afaste a possibilidade de essas qualificações serem meras projeções do observador, dada a indefinição das formas da artista.





Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre linho
140 x 236 cm



Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm

Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
100 x 80 cm





páginas 16 e 17
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
80 x 60 cm





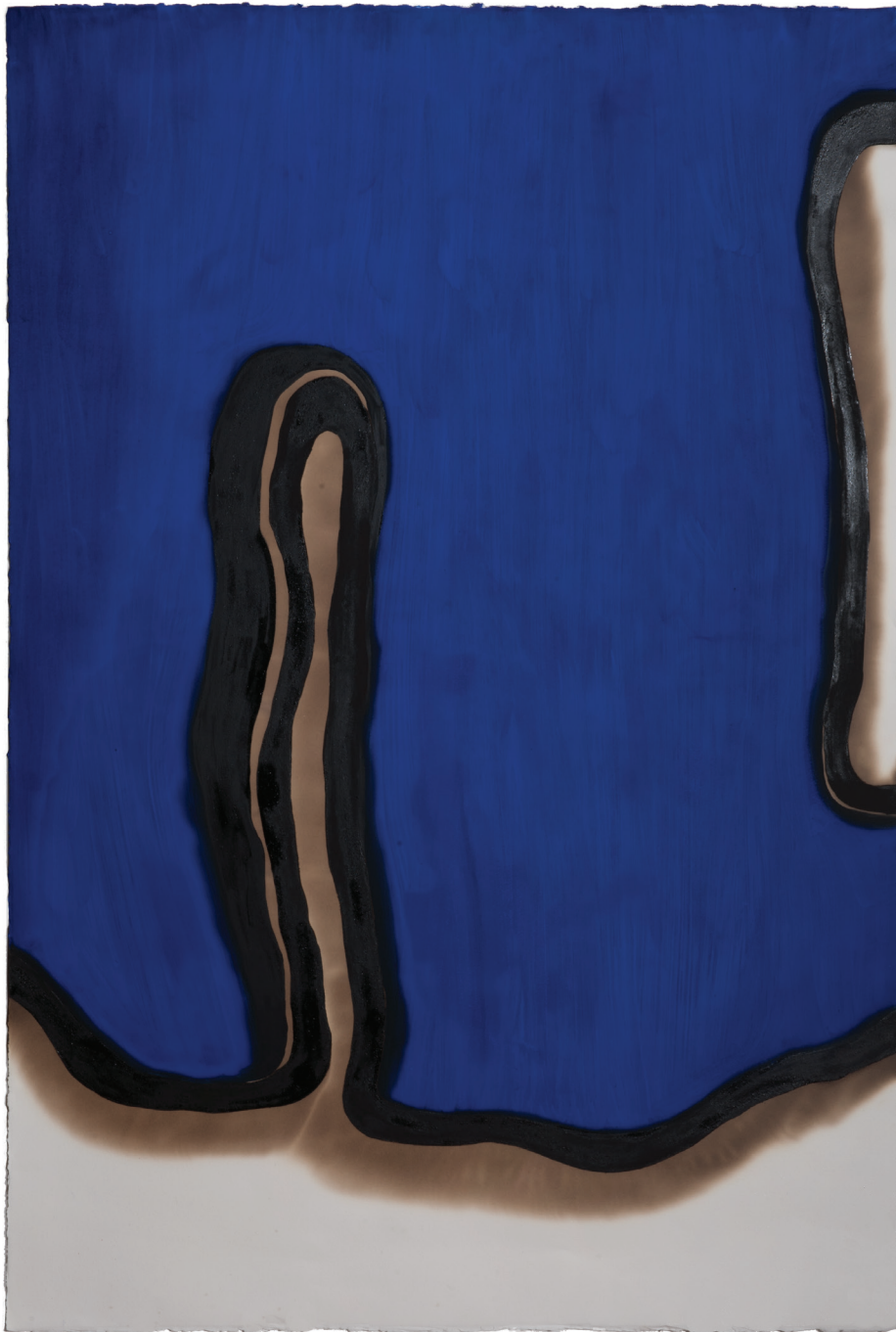
páginas 18 e 19
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
120 x 80 cm





páginas 20 e 21
Série Blue, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
120 x 80 cm





páginas 22 e 23
Série Blue, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
120 x 80 cm





páginas 24 e 25
Sem título, 2016
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm cada





Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm



Sem título, 2016
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm



páginas 28 e 29
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
40 x 30 cm cada





Série Guará, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
40 x 30 cm

Página 31
Série Guará, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
30 x 20 cm cada





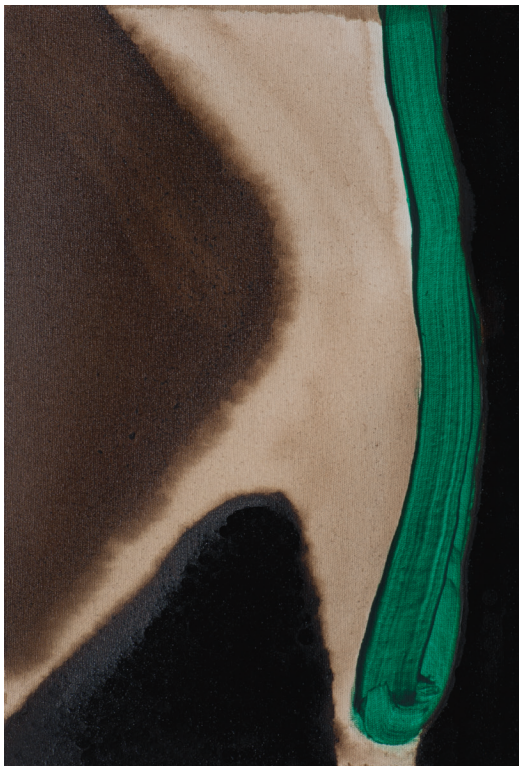
páginas 32 e 33
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
50 x 40 cm cada





páginas 34 e 35
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
60 x 40 cm cada

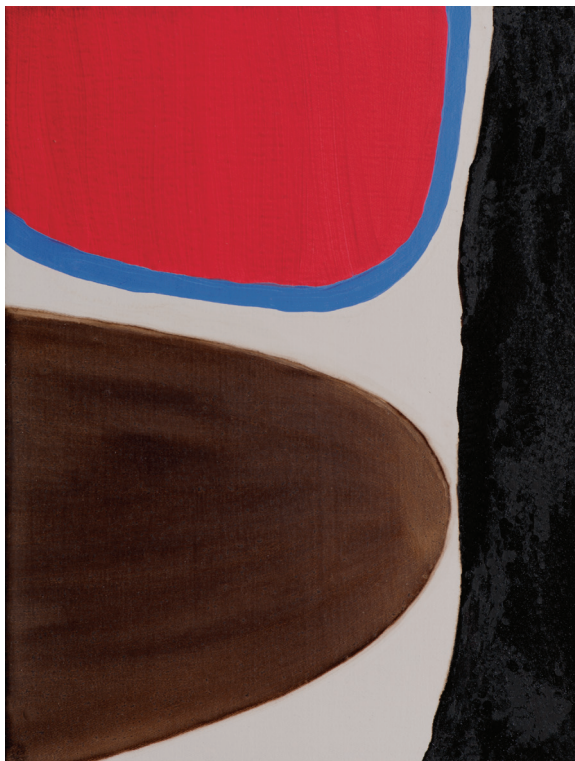




Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
30 x 20 cm



Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
20 x 20 cm



páginas 38 e 39
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
40 x 30 cm cada





páginas 40 e 41
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
60 x 40 cm cada





Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
40 x 30 cm cada

I met Germana in 2008. Rodrigo Naves brought her to be the assistant curator of José Bezerra's exhibition. She continues to work at Galeria Estação and has become a partner, counselor and friend.

I have always admired her as an artist and I have some of her works in my private collection. For years I had been thinking of putting together a show of Germana's works, but she had other commitments and it was not the right time.

Now the time has come. Germana is producing a lot new works. She has a new studio. She is working with new fellow artists. In fact, she has begun a new phase. I was with her in the studio a few weeks ago. I wanted to see the works for the exhibition. I was happy to see the rich production, with color, works that capture the Germana of this particular moment in time.

I will not talk further about her work. Besides not being able to do the analysis she deserves, this will be the work of the distinguished curator Rodrigo Naves.

I am proud of this show, which has several meanings for Galeria Estação: affection, openness and recognition of the talent of this dear and great drawer, painter and sculptor. I hope you agree with me and enjoy everything she brings to us.

germana monte mór: paths of the imagination

rodrigo naves

I

The works of Germana Monte-Mór began to gain definition in the late 1980s, beginning of the 1990s. In addition to paintings and drawings made with asphalt, she also made photographs of great interest and tantalizing sculptures – for they were looking awkwardly for a relationship with her drawings and paintings – as well as various experiments with materials such as paraffin, lead, Dammar gum, marble, etc.

However, in attempting to recall the many works she has done, I find it difficult to escape from a kind of dark sediment made of a somewhat clear asphalt deposited on paper or canvas, which configures geological or organic aspects, both elements opposed to each other.¹

II

The title chosen to name her book (*Of the goat*), such unusual name for an art book was not accidental. The strangeness only dissolves when by browsing the publication we find the verses of João Cabral de Melo Neto:

**Black is the hard on the bottom
of the goat. Of its own natural.
In the bottom of the earth there is a stone,
At the bottom of the stone, metal.**

**Black is the hard on the bottom
of nature without dew
which is that of the goat, that animal
without leaves, only root and stem**

**which is that of the goat, that animal
of soul-core, of horny soul,
without gizzards, damp, lips,
bread without crumbs, just crust.**

João Cabral's verses offer a *metaphorical* passage – it could not be different, since it deals with words – between living and organic beings (the goat) and mineral and inorganic beings (the stone), present in different ways, both in the works of Germana and in the poem of João Cabral. The rustic nature of goats, their ability to survive in extreme conditions of heat and cold, seems to give them the solidity and unity of the rocks.

Asphalt is a derivative of petroleum, not a mineral itself. It is a combination of hydrocarbons. Symptomatically, the ancient Romans, more connected to the empirical origin of this material than to their by-products – gasoline, grease, plastics – called it “stone oil”, that is, *petroleum*. Thus much of Germana's work also transits between different states of matter, less metaphorically changing from the kingdom of the liquid things (the origin of living things) to the mineral.

Both the poet and the artist have a feeling close to the material world. João Cabral does not name an adjective (“negro”) for nothing. It is the uniqueness of the means they employ – words and materials – that distinguishes them in a remarkable way, beyond any value judgment. And here we stop the comparisons so that the understanding of the works of Germana advances a little more.

In order for this most material experience of the world to become possible for the observer, it is decisive that the ambiguities between the various appearances of organic and inorganic matter present themselves to him. We know that cobblestones used in the pavement were made from blocks of granite. However, their geometrization – even if it is a bit rough (in Brazil they are made by hand) –, conspires that we perceive more its regular limits than its mineral rudeness. They ceased to be rock. In the same way, what remains of the hide of a cow in an elegant shoe?

Germana's uncolored works oscillate non-stop. Their boundaries are irregular and refer to organic forms.² Meanwhile the asphalt surfaces have strong mineral appearance. The black areas are *physically* flat, although *optically* they suggest an enigmatic depth. As with the coffee grounds, one might read a person's fate in these pellicles.

Also some of her photographic series maintain a strong bond with her asphalt works. The large rocks and the piles of salt showed at Galeria Carminha Macedo in 2010 (*Pedra mole* [Soft stone]) insist on this formal paradox; on the one hand, excessive stones, as seen from a low point of view that makes them about to roll or to overflow their physical limits. The large mounds of salt, however, suggest the shape of large white cones... composed of minute and unstable grains.

In the exhibition named *Luz negra* [Black light] (2009, Galeria Anita Schwartz), another series of photos points in the same direction. The pebbles that rest on the bed of a stream of crystalline waters are softened when seen through the water. It is a phenomenon known as refraction of light, which occurs when the light passes from one transparent medium to another, with different densities, and changes the direction. When placed inside a container with water, a stick is seen in a discontinued

shape. A swimmer in a swimming pool with the waters in motion will look like a rubber man. Until that moment, Germana only took advantage of a physical phenomenon that almost all of us know. The presence of her artistic intuition will occur only when she matches brightness (reflected light) and refraction of light. At that moment, the pebbles deform and lose their wholeness. Once again, we observe the artist pursuing her demons, wanting to prove with different techniques and materials the existence of a resistant background in all experience of reality.

III

In only four exhibitions – Centro Universitário Maria Antonia (2002), Paço Imperial (2002-3), Mercosur Biennial (2005) and Estação Pinacoteca (2005) – the artist experimented with color. Still it was a shy job, since they had something of the light colors of the watercolor.

The more luminous presence of the colors in this show at Galeria Estação is a significant milestone in the trajectory of this important contemporary artist. Without giving up the difficult experience of a world that refuses to transform itself into a narrative, Germana adds to it a lightness, for by suppressing with colors a little of its weight and its impenetrability, she makes it more generous in its contact with the surrounding reality.

That said, the works also gain a new dynamic different from that suggested by the organic vitalism of previous works. The drawings are shown with a richer variation of planes, although only one or two colors at a time are brought to the coexistence with the asphalt. In turn, the figures, suggested by colors and asphalt maintain a less harmonious relationship among themselves.

They suggest depths, provoke each other, and weigh without elegance, until for a fleeting moment a configuration

prevails, shows itself more firmly and submerges to start all over again. Somehow this description might serve to retrace part of Germana Monte-Mór's own trajectory. The attraction of the roughness of the world can suggest an existence conducted with difficulty and deprivation, although, as in the work of Van Gogh, leads to extraordinary and exemplary results.

I am by no means raising the possible "compensation" for a life of denial by means of a redemptive art. Many bastards were great artists. But there are artists – and Germana Monte-Mór is among them – for whom imagination plays a secondary role.

What is the "imagination" in visual arts? It may be the clear and bright world invented by Monet, even if the paints outdoors, "sur le motif" or the visionarism of Odilon Redon or Gustave Moreau. Because it is not an impression of the world – such as the Veronicas, the Holy Shroud, or the Roman mortuary masks – a work of art necessarily goes through the sieve of techniques (or artistic means) and a scheme (the imagination) that seeks to lead to realization of the always-nebulous intuitions of artists. There are moments, however – I think of Gustave Moreau, Odilon Redon, Salvador Dalí and Max Ernst, among many others – in which painters, sculptors, etc. believe they find the absolute freedom of the imagination in the suspension of any and all after-taste of reality. They proceed as the dove mentioned by Kant in the *Critique of pure reason*, which believed to fly more freely in a vacuum, when it is precisely the clash of its wings with the air that makes flight possible. Curiously, some of the greatest modern abstract painters – we take Mondrian and Pollock as exemplary opposites – incorporated the force of reality in a remarkable way. And to a large extent this was a condition for the greatness and pertinence of their works

IV

Germana does not have the diversity of works of, say, Mira Schendel or Paul Klee. Barely comparing, Richard Serra and Amílcar de Castro also seem to have pursued the limits that a material (the steel) enabled them. And this may give the impression of little diversity to their works of art. Needless to say, the means at the disposal of the American were not even within reach of the Brazilian. Once in Rio de Janeiro Richard Serra said that had Amílcar had different working conditions he would have been an artist of international projection.

I suspect (but I'm not sure, it would be necessary to think more deeply about this) that artists moved by this rough feeling in the world also have a smaller margin of maneuver, which makes it difficult for their works to have a great diversity.

The group formed by Van Gogh, Amílcar de Castro, Eva Hesse, Richard Serra and the Brazilian Germana Monte-Mór, who is totally unknown outside the country and little known even among us – a situation that should make gallerists ashamed –, pursues a similar trait not necessarily indicating higher or lower quality.

What I see in common in their poetics is perhaps the impossible task of making a lyrical poem or an epic almost without resorting to the ordinary notion of representation, rather by *presenting* these materials so little distant from the reality by the technique than by *representing* them.

notes

1 For Tiago Mesquita, "Germana's motives have something geological [...] indeterminate terrain [...] sand of the desert" (p. 18). Paulo Sergio Duarte refers to her work as "amoeboid" figures (p. 125). The two passages are found in *Da cabra: Germana Monte-Mór*. São Paulo: WMF editores, 2013.

2 In this aspect, I tend to agree more with Paulo Sergio Duarte than with Tiago Mesquita, although I do not rule out the possibility that these qualifications are mere projections of the observer given the lack of definition of the artist's forms.

germana monte-mór

rio de janeiro, 1958

FORMAÇÃO

- 1978/81 Bacharelado em Ciências Sociais. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.
- 1985/89 Licenciatura em Artes Plásticas, FAAP, São Paulo, SP.
- 2002 Mestrado em “Poéticas Visuais”, ECA - USP, SP.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1994 Artista convidada, Itaú Galeria, São Paulo, SP.
- 1995 Artista convidada, Centro Cultural São Paulo, SP.
- 1997 *Quase desenhos*, AS Studio, São Paulo, SP.
- 1998 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.
- 2000 Capela do Morumbi, São Paulo, SP.
- 2001 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.
Artista convidada do Projeto Arte em Londrina, UEL, PR.
- 2002 Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, SP.
- 2002/03 Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ.
- 2004 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.
Projeto amigos da gravura, Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro, RJ.
- 2005 *Entrantes*, Estação Pinacoteca, São Paulo, SP.
- 2008 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.
- 2009 *Luz negra*, Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.
- 2010 *Pedra mole*, Carminha Macedo Galeria de Arte, Belo Horizonte, BH.
- 2013 *Da cabra*, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1988 6º Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo, SP.
XIII Salão de Arte de Ribeirão Preto, SP.
Exposição coletiva, curadoria Nelson Leirner, FAAP, São Paulo, SP.
- 1989 XIV Salão de Arte de Ribeirão Preto, SP.
XXII Salão de Arte de Piracicaba, SP.
I Prêmio Canson Arte Contemporânea com Papel, MAM, São Paulo, SP.

- 1990 *Treze artistas*, Centro Cultural São Paulo, SP.
Treze artistas, Grande Galeria, Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG.
5 artistas de São Paulo, Galeria Angelus, Belém, PA.
A presença do desenho, Paço das Artes, São Paulo, SP.
- 1993 *Desenhos*, Manoel Macedo Galeria de Arte, Belo Horizonte, MG.
Bienal Nacional de Santos, Santos, SP.
- 1994 8, Centro Cultural da UFMG, Belo Horizonte, MG.
- 1995 *Works on paper*, Casa Triângulo Galeria de Arte, São Paulo, SP.
8, Solar Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro, RJ.
19º Salão Carioca de Arte, Parque Laje, Rio de Janeiro, RJ.
15º Salão Nacional de Artes Plásticas, FUNART, Rio de Janeiro, RJ.
Coletiva 34, Adriana Penteado Escritório de Arte, São Paulo, SP.
Tradição e pionerismo, Museu de Arte Moderna, MAM, São Paulo, SP.
- 1996 *Habitar*, Conjunto Cultural da Caixa Economica Federal, SP.
III Salão MAM - Bahia, Salvador, BA.
- 1997 Galerie Douyon, Miami, USA.
ARCO - Arte COntemporâneo, feira internacional, Madri, Espanha.
Bienal Nacional de Santos, SP.
25º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte, MG.
- 2002 *Genius Loci - O espírito do lugar*, Centro Cultural Maria Antonia, São Paulo, SP.
10 anos, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.
- 2003 *Layers of Brazilian art*, Falcouner Gallery, Grinnell, Iowa, USA.
ARCO - Arte COntemporâneo, feira internacional, Madri, Espanha.
- 2003 Miami/Basel, feira internacional, Miami, USA.
- 2004 *Paralela 2004*, São Paulo, SP.
Miami/Basel”, feira internacional, Miami, USA.
Arte contemporânea no acervo municipal, Centro Cultural São Paulo. SP.
- 2005 Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS.
- 2006 *Brazilian art*, São Paulo, SP.
ARCO - Arte COntemporâneo, feira internacional, Madri, Espanha.
- 2006 *Designu desdobramentos*, Museu de arte contemporânea, Centro Dragão do Mar, Fortaleza, Ceará.

2006	<i>II Bienal internacional Ceará de Gravura</i> , Fortaleza, Ceará. <i>Singular e plural</i> , curadoria Cauê Alves, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP. SP - Arte, Anita Schwartz Galeria de Arte, São Paulo, SP. Mostra da coleção de gravuras do Museu Chácara do Céu, Sesc, Rio de Janeiro, RJ.	2015	<i>O espírito de cada época</i> , curadoria Rejane Cintrão, Instituto Figueredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP.
2006/7	<i>Impressões originais; a gravura desde o século XV</i> , Centro Cultural do Banco do Brasil, São Paulo, 2006/ CCB, Rio de Janeiro, 2007.	2016	Coletiva, Galeria A² + Múltiplo Espaço de Arte, curadoria Maneco Muller, Vale das Videiras, Petrópolis, RJ. <i>Na soleira da noite</i> , curadoria Claudio Cretti, Galeria Sancovsky, SP. <i>BR 2016</i> , Galeria Virgílio, São Paulo, SP.
2007	SP - Arte, Marília Razuk Galeria de Arte, Anita Schwartz Galeria de Arte, São Paulo, SP. I Circuito de Fotografia I contemporâneo, São Paulo, SP.	2017	<i>MAC - USP no século XXI: a era dos artistas</i> , curadoria Katia Canton, MAC - USP, São Paulo, SP. <i>Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos</i> , curadoria Paulo Herkenhoff, Oca, Ibirapuera, São Paulo, SP.
2008	SP - Arte, Marília Razuk Galeria de Arte, Anita Schwartz Galeria de Arte, São Paulo, SP. <i>Arte contemporânea, aquisições recentes do acervo da Pinacoteca do Estado</i> , São Paulo, SP.	PRÊMIOS	
2008/9	<i>Ano_01</i> , Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.	1989	"Bolsa Ateliê II", Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo, SP.
2009	<i>Modernstarts - Arte contemporânea na coleção Século XX de Pila Citoler</i> , Córdoba, Espanha. <i>Desenhos de lugares</i> , Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP.		"Prêmio Aquisição", I Prêmio Canson Arte Contemporânea com Papel, MAM, SP.
2010/11	<i>Notas de acervo</i> , curadoria Guilherme Bueno, Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.	1993	"Prêmio Aquisição", Bienal Nacional de Santos, Santos, SP.
2011	Arte brasileira: além do sistema, curadoria Paulo Sergio Duarte, Galeria Estação, São Paulo, SP. <i>Novas aquisições</i> , Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.	2004	"Bolsa Vitae de Artes", Fundação Vitae, São Paulo, SP.
2012	<i>Superfície de contato</i> , Galeria Penteado, Campinas, SP. <i>[alguns de] NÓS</i> , curadoria Claudio Cretti, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP. <i>Colecionador de sonhos</i> , curadoria Agnaldo Farias, Instituto Figueredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP. <i>Entre colchetes</i> , Espaço coleção particular - Oswaldo Correa da Costa, São Paulo, SP. <i>Desenhos e diálogos</i> , Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.	2014	"Residência na oficina de gravura Iberê Camargo", Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, RS.
2014	Coletiva de Fotografias, Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ.	OBRAS EM COLEÇÕES PÚBLICAS	
			Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP Universidade Estadual de Londrina - UEL, Paraná, PR Coleção Itaú Cultural, São Paulo, SP Pinacoteca Municipal de São Paulo, SP Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro, RJ Museu de Arte Contemporânea, Centro Dragão do Mar, Fortaleza, CE Banco Espírito Santo Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP Museu de Arte Contemporânea, MAC - USP, São Paulo, SP Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, RS

germana monte-mór 2017

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Rodrigo Naves

Textos

Rodrigo Naves

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Rodrigo Casagrande

Fotos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Versão de texto para o inglês

Fernanda Mazzuco

Montagem

MIA - Montagem de instalações artísticas

Iluminação e apoio de produção

Marcos Vinícius dos Santos

Kleber José Azevedo

Assessoria de imprensa

Pool de Comunicação

Impressão e acabamento

Lis Gráfica

Agradecimentos

Leonardo Ferreira, Votupoca Molduras, Andrea Brazil, Edgar Racy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Germana Monte-Mór / [organização Vilma Eid, Rodrigo Naves] ; curadoria Rodrigo Naves ; versão de textos para o inglês Fernanda Mazzuco. -- São Paulo : Lis Gráfica, 2017.

Ed. bilingue: português/inglês.
"Abertura 24 de outubro 19h"

1. Arte - Brasil 2. Arte - Brasil - Exposições - Catálogos 3. Artes visuais - Exposições - Catálogos 4. Artes plásticas - Brasil 5. Monte-Mór, Germana, 1958- - Exposições I. Eid, Vilma. II. Naves, Rodrigo. III. Naves, Rodrigo. IV. Mazzuco, Fernanda.

17-08468

CDD-730.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Artistas plásticos : Exposições :
Catálogos 730.981

germanamontemor.com.br

GALERIA  ESTAÇÃO

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 galeriaestacao.com.br



Capa
Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre tela
46 x 33 cm cada

Sem título, 2016
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm cada



Sem título, 2017
Óleo e asfalto sobre papel
42 x 30 cm cada



